

Teoria e autoconhecimento: novos contornos da teoria social

BAERT, Patrick; SILVA, Filipe Carreira. Teoria Social Contemporânea. São Paulo: Ateliê Editorial, 2023.

Victor Pimentel Ferreira^{1*} 

Tarik Dias Hamdan^{1*} 

Resumo

O presente texto é uma resenha do livro “Teoria Social Contemporânea”, de Patrick Baert e Filipe Carreira da Silva, publicado em 2023 pela Ateliê Editorial. Nesta resenha, apresentamos a obra em questão, destacando tanto o seu caráter manualístico quanto a sua proposta de desenvolvimento de uma nova agenda para a teoria social no século XXI. Em relação a essa contribuição mais original de Baert e Silva, baseada em um cruzamento do pragmatismo filosófico com a hermenêutica, apresentamos as suas características principais e tecemos comentários críticos sobre o seu desenvolvimento. Com isso, esperamos contribuir para a veiculação e debate de uma obra atualizada e de clareza ímpar sobre uma série de correntes de grande relevância para estudiosos das ciências sociais.

Palavras-chave: teoria sociológica, autoconhecimento, pragmatismo, hermenêutica.

¹Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

*Correspondência: pimentelferreira@gmail.com; hamdan.tarik@gmail.com

Theory and self-knowledge: new contours of social theory

Abstract

This text is a review of the book *Contemporary Social Theory*, by Patrick Baert and Filipe Carreira da Silva, published in 2023 by Ateliê Editorial. In this review, we present the book, highlighting both its character as a textbook and its proposal to develop a new agenda for social theory in the twenty-first century. With regard to Baert and Silva's more original contribution, based on the intersection of philosophical pragmatism and hermeneutics, we outline its main features and offer critical comments on its development. In doing so, we hope to contribute to the dissemination and discussion of an up-to-date and exceptionally clear work on a range of intellectual traditions of major relevance to scholars in the social sciences.

Keywords: sociological theory, self-knowledge, pragmatism, hermeneutics.

O livro *Teoria Social Contemporânea*, de Patrick Baert e Filipe Carreira da Silva, publicado em português em 2023, representa a segunda edição da obra originalmente escrita apenas por Baert. Lançado em 1998, o livro de Baert foi em larga medida reformulado, o que pode ser atestado por um rápido cotejamento entre os sumários de ambas as obras. Na versão atual, os autores apresentam uma exploração detalhada de oito tradições teóricas distintas, que incluem: a tradição francesa, desde o estruturalismo até o pragmatismo francês; o funcionalismo; o interacionismo simbólico; as teorias da escolha racional e o novo institucionalismo; as sociologias históricas; a abordagem arqueológica de Foucault; a teoria crítica; e as teorias contemporâneas sobre a pós-modernidade. Escrito com clareza ímpar e um equilíbrio singular entre objetividade e aprofundamento teórico, *Teoria Social Contemporânea* se mostra um livro capaz de orientar devidamente tanto o pesquisador experiente quanto o neófito em meio à profusão de autores(as), correntes e conceitos constitutiva de nossa disciplina.

A intenção dos autores ao redigir uma obra sobre teoria social contemporânea, que se propõe a elucidar didaticamente essas teorias para o público leitor, já seria por si só um motivo para reconhecer o mérito da publicação. Contudo, os autores vão além desse objetivo. Eles aspiram desenvolver uma concepção neopragmatista da teoria e da investigação sociológicas. Logo nas primeiras páginas, Baert e Silva (2023, p. 9) descrevem sucintamente a sua própria perspectiva “acerca dos modos de pensar a teoria e a sua elaboração”. Com isso, os autores começam a pavimentar o caminho de apresentação de um projeto teórico autoral, baseado em um cruzamento entre a filosofia pragmatista e a hermenêutica, com vistas à intervenção ativa na realidade e ao desenvolvimento de um tipo específico de conhecimento: o conhecimento autorreferencial, a partir do qual os atores sociais, acadêmicos e não acadêmicos, avançam reflexões sobre as suas próprias vidas e sobre os pressupostos da investigação em teoria social.

Segundo eles, até então, a teoria social predominante era caracterizada por concepções dedutivas-nomológicas e realistas. A primeira abordagem entende a teoria como um conjunto de leis e condições estabelecidas *a priori*, a partir das quais se pode derivar hipóteses empíricas testáveis. O propósito central é tratar as teorias científicas como ferramentas de explicação e predição de fenômenos empíricos. Esta perspectiva foi vigorosamente defendida pelos adeptos da visão da filosofia da ciência que se baseia na falseabilidade, como Karl Popper, e em sua forma mais elaborada, proposta por Imre Lakatos (1980).

De acordo com os autores, nesse modelo, a investigação empírica torna-se um mecanismo de teste que informa os pesquisadores sobre a validade das teorias. O problema de tal abordagem, segundo eles, reside no fato de que as observações empíricas nunca são suficientes para justificar o abandono de uma teoria. Os argumentos dos autores ecoam as observações de Thomas Kuhn em *A Estrutura das Revoluções Científicas* (Kuhn, 2017), segundo as quais os testes empíricos raramente levam os pesquisadores a renunciar aos seus paradigmas. Isso ocorre porque os investigadores, formados dentro de uma tradição teórica específica, tendem a permanecer leais a ela, abandonando, no máximo, aspectos secundários de seus programas de pesquisa, e não o seu núcleo central.

Em contraste, a abordagem realista concebe a teoria em termos representacionais, com o objetivo de capturar a realidade empírica. Para os defensores dessa tradição, uma investigação eficaz funciona como um dispositivo de mapeamento, sendo bem-sucedida quando consegue representar de maneira adequada o objeto estudado, à semelhança de um cartógrafo social. O resultado dessa vertente tem sido o desenvolvimento de ontologias abrangentes que contemplam as dimensões macro, meso e micro da vida social, bem como os diferentes aspectos cronológicos das vidas dos indivíduos. Nesse modelo, a experiência empírica não se configura como um dispositivo de teste, mas sim como uma manifestação do quadro ontológico ou como um instrumento de mapeamento. Uma investigação

atinge seu propósito quando demonstra que é possível articular uma dimensão da vida social conforme os preceitos de uma teoria específica.

Recusando ambos os modelos, os autores reforçam a sua defesa de que o papel da teoria social não é o desvelamento de uma realidade previamente oculta, mas sim “a apresentação de novas e inovadoras leituras do social” (Baert; Silva, 2023, p. 398). Nesse projeto, eles propõem três teses fundamentais. Primeiramente, sob a ótica do pragmatismo, eles sugerem uma abordagem que adota pressupostos humanistas, centrando-se na ação individual e na interconexão entre alegações cognitivas, éticas e estéticas com empreendimentos práticos. Essa abordagem exige o abandono de perspectivas fundacionistas que buscam estabelecer bases universais e atemporais para o conhecimento, reconhecendo que qualquer tipo de conhecimento é intrinsecamente parcial e emerge de um ponto de vista específico.

Em segundo lugar, Baert e Silva defendem uma concepção ativa de conhecimento, na qual o mundo exterior não é visto como independente da experiência humana. Pelo contrário, toda prática cognitiva está imbricada em interesses específicos e contribui ativamente para a construção do mundo que se busca explicar. É crucial, portanto, considerar a diversidade de interesses cognitivos dos indivíduos, que incluem explicação, compreensão, autoemancipação, crítica e autocompreensão (Baert; Silva, 2023).

Em terceiro lugar, avançando nessa discussão, os autores afirmam que a abordagem neopragmatista valoriza particularmente o interesse pela autocompreensão (ou *Bildung*). Isso implica que a investigação deve desafiar e confrontar os pressupostos que orientam as vidas dos indivíduos e suas comunidades. De maneira concisa, Baert e Silva substituem a noção tradicional de verdade, que permeava os modelos dedutivos-nomológicos e realistas, pela noção de persuasão. Assim, as teorias sociais devem ser avaliadas por sua capacidade de fomentar uma perspectiva inovadora que expanda o autoconhecimento e induza uma transformação na maneira como a realidade é percebida.

Isso significa que, para eles, o autoconhecimento implica (i) uma tomada de consciência dos sujeitos em relação aos pressupostos orientadores de sua vida cotidiana; (ii) a assunção de uma postura crítica em relação a esses mesmo pressupostos normalmente não questionados; (iii) o reconhecimento, por parte dos atores sociais, do “caráter etnocêntrico e local de suas perspectivas” (Baert; Silva, 2023, p. 406); e (iv) um alargamento da capacidade imaginativa, uma vez que os indivíduos desenvolvem uma consciência a respeito de cenários políticos e comunidades alternativas à sua realidade imediata. Dessa maneira, os autores apostam que o conhecimento autorreferencial guarda um enorme potencial de levar os sujeitos a “olhar para as coisas sob uma luz diferente, de adotarem uma perspectiva inovadora” (Baert; Silva, 2023, p. 409). Esse seria o fim último da teoria social para os nossos tempos atuais: fazer com que os indivíduos “comecem a pensar muito diferente acerca das coisas” (Baert; Silva, 2023, p. 409).

Dessa maneira, Baert e Silva concluem a apresentação de sua proposta reforçando que a teoria social adequada para o século XXI não deve se pensar como um empreendimento explicativo, preditivo ou mapeador da realidade social. Na verdade, ela deve se manter permanentemente em contato com a alteridade, contribuindo para o desenvolvimento de “formas mais ricas de redescrição coletiva” (Baert; Silva, 2023, p. 414). Ao fomentar a aquisição de conhecimento autorreferencial, a teoria social colabora para que sujeitos e comunidades revejam os pressupostos basilares de suas condutas cotidianas, abrindo espaço para a adoção de novos pontos de vista sobre a realidade social. Por essa razão, Baert e Silva defendem que as teorias deveriam ser avaliadas de acordo com a sua capacidade de levar os pesquisadores a refletir sobre os aspectos apriorísticos de sua própria atividade investigativa.

Em que pese o esforço considerável dos autores em não tornar o livro apenas mais um manual de teoria social, acreditamos que a última parte da obra, em que eles descrevem a sua proposta para a nossa disciplina,

apresenta um déficit considerável de clareza. Ou seja, diferentemente da maior parte do texto, em que Baert e Silva demonstram desenvoltura admirável na explicação esmiuçada de uma série de quadros teóricos complexos, a parte final do livro se mostra em larga medida obscura e de difícil compreensão. Não fica claro, por exemplo, em que medida a proposta avançada pelos autores difere substantivamente da proposta de uma sociologia pública, desenvolvida por Michael Burawoy (2021). Também não se torna evidente a concepção de “autoconhecimento” mobilizada e de que maneira a teoria social poderia ser formulada tendo o objetivo da “aquisição de conhecimento autorreferencial” como proa de seu desenvolvimento.

Por fim, após a extensa revisão teórica realizada pela obra, é natural que o leitor desenvolva curiosidade sobre as possibilidades de reinterpretar a teoria social à luz da abordagem neopragmatista proposta por Baert e Silva. Em linha com o projeto dos autores, seria proveitoso explorar como as diversas teorias sociais apresentadas no livro poderiam ser analisadas em termos de suas clarificações sobre a realidade que se propõem explicar, os interesses cognitivos que as motivam e suas contribuições para o aprimoramento da autocompreensão.

Referências

1. BAERT, Patrick; SILVA, Filipe Carreira da. **Teoria Social Contemporânea**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2023.
2. BURAWOY, Michael. **Public sociology**. Cambridge: Polity Press, 2021.
3. KUHN, Thomas. **A Estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2017.
4. LAKATOS, Imre. **The Methodology of Scientific Research Programmes: Philosophical**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

Fonte de financiamento: Nada a declarar.

Conflito de interesses: Nenhum.

Contribuição dos Autores: Todas as etapas foram igualmente distribuídas e realizadas pelos dois autores.

Disponibilidade de Dados: Não se aplica.

Editor: Enio Passiani.

Victor Pimentel Ferreira é doutorando em sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pesquisador associado ao núcleo Desenvolvimento, Trabalho e Ambiente (DTA/UFRJ). victor.pimentelferreira@gmail.com

Tarik Dias Hamdan é doutorando em sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pesquisador associado ao núcleo Desenvolvimento, Trabalho e Ambiente (DTA/UFRJ). hamdan.tarik@gmail.com

Recebido: 17 ago. 2024.

Aceito: 19 jul. 2026.